

# Destaque

"O CÉU DE SACADURA" ESTREIA-SE HOJE À NOITE EM LISBOA NO TEATRO D. MARIA II

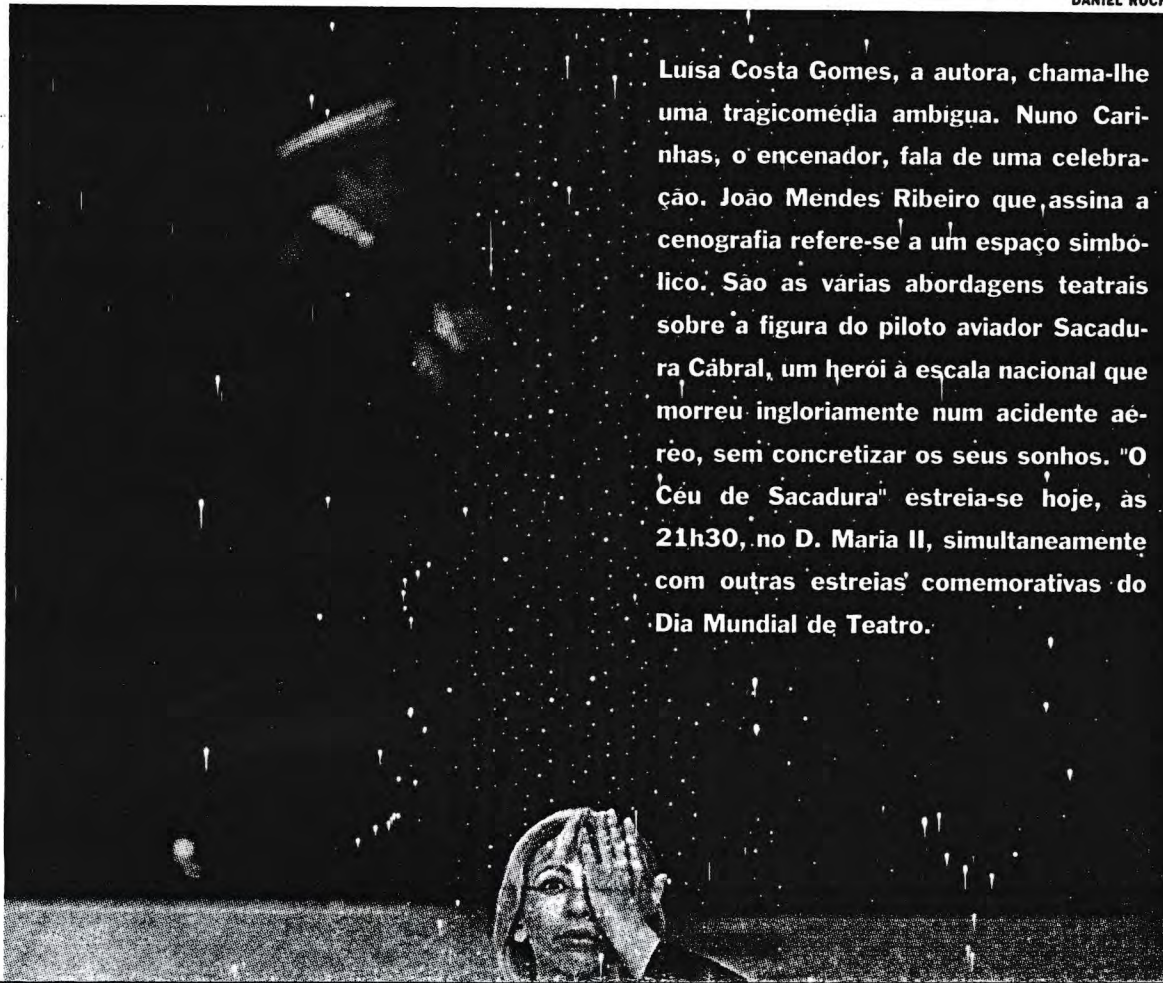
# Um HERÓI de opereta

Rui Ferreira e Sousa

FUMADOR INVETERADO, cientista fleumático, aventureiro tenaz, um pouco arrogante, algumas vezes agressivo, bastante intratável, solitário, mas um "charmeur" incorrigível. A personagem do piloto aviador Sacadura Cabral (o actor Fernando Luís) podia ser caracterizada deste modo, mas pela postura discreta que marcou a sua vida e pelo facto de ter morrido novo (1881-1924), — no mar do norte, em noite de nevoeiro, vindo de Amesterdão, num fokker que fora buscar à Holanda —, ficou sempre na fraca memória dos portugueses um grande mistério em torno desta figura, tendo a glória favorecido mais o velho Gago Coutinho.

Esta personagem, — a sua vida, a sua luta contra a adversidade e o seu tempo —, ao mesmo tempo simples e complexa, controversa e apaixonante é o assunto da peça "Céu de Sacadura", da escritora Luísa Costa Gomes, que se estreia hoje à noite no Teatro D. Maria II, em Lisboa.

A autora chama ao seu texto "uma tragicomédia ambígua" e concebeu uma estrutura não clássica da sua peça em que o princípio da história narrada (1º acto) representa o final (a morte de Sacadura, o fracasso do projecto) e o final (2º acto) conta o princípio (o entusiasmo de Sacadura em levar a cabo esse mesmo projecto). Como diz o narrador (o actor João Grosso) no início do 2º acto: "Acabam os senhores de assistir ao que se passou de



DANIEL ROCHA

Luísa Costa Gomes, a autora, chama-lhe uma tragicomédia ambígua. Nuno Carinhas, o encenador, fala de uma celebração. João Mendes Ribeiro que assina a cenografia refere-se a um espaço simbólico. São as várias abordagens teatrais sobre a figura do piloto aviador Sacadura Cabral, um herói à escala nacional que morreu ingloriamente num acidente aéreo, sem concretizar os seus sonhos. "O Céu de Sacadura" estreia-se hoje, às 21h30, no D. Maria II, simultaneamente com outras estreias comemorativas do Dia Mundial de Teatro.

Para o encenador e figurinista Nuno Carinhas, como salientou ao PÚBLICO, a peça é a celebração de um herói à nossa medida, uma peça difícil de rotular porque é tragédia e comédia, uma peça que "vive na flutuação de géneros", o que lhe dá uma grande ambiguidade: "não é um espectáculo mágico, há uma artesanaria deliberada que tem a ver com o fazer com pouco meios, sem a preocupação de marcar muito o tempo. São os figurinos que têm essa missão, a de fazer a ligação entre o moderno e o passado".

Nuno Carinhas não esqueceu que a peça é representada hoje e seguiu à letra o texto de Luísa Costa Gomes, passando pela História sem criar um drama histórico. A utilização das capas e batinas (símbolos de ontem e de hoje) ou os comissários (ícones de hoje) de capacete, lembrando a Expo, são exemplos dessa ligação.

"Numa altura em que toda a gente escreve sobre o mar, nós falamos sobre o ar", diz Nuno Carinhas, acrescentando que uma das coisas que lhe interessa nesta peça é "o carácter caseiro das situações e a universalidade poética do personagem e da sua história". Carinhas sublinha que, para ele, a personagem de Sacadura mostra "um homem de uma grande solidão em relação àquilo que quer fazer, um homem que não adormeceu após a

pois. No facto, o acto que se segue é anterior ao que anteriormente viram do presente para o passado. (...) O posterior então que ora verão é anterior como veremos, no passado do tempo, ao que anteriormente viram".

Neste sentido, Luísa Costa Gomes cria, em alternância de tempos, de ritmos, de atmosferas, o lado trágico em forma de comédia e o lado cómico em jeito de tragédia. Aquilo que poderia tratar-se de comédia, o facto de Sacadura Cabral se debater com uma irritável e permanente falta de verba para realizar o seu sonho, a viagem de circumnavegação que refizesse a de Fernão de Magalhães, é dado num registo de tragédia, enquanto a tragédia propriamente dita de um herói com qualquer coisa de épico, mesmo sendo uma heroicidade à portuguesa, "fatalista, jocosa e perecível", é retratada de uma forma burlesca, algumas vezes como autênticos quadros de revista.

### Uma peça com música

Pensada pela autora como uma opereta, acabou por se transformar numa peça com música, sendo os actores os próprios cantores. Como disse, ao PÚBLICO, Luísa Costa Gomes, "O Céu de Sacadura" é uma peça anticlimax que começa com a morte e trata de um herói que se esfuma, que morre duma morte ingloria, num acidente, mas que foi uma figura muito mais importante do que muita gente pensa: um cientista, um líder, um aventureiro que corre riscos, que afronta tudo e todos, nada lamechas, um impulsionador de uma viagem nunca feita, um pioneiro dos rãids



aéreos, um piloto experimentado, embora se saiba (e o texto refere-se a isso) que tinha problemas de visão.

Foi o próprio Sacadura que convidou o geógrafo Gago Coutinho para seu navegador e, historicamente, Sacadura foi o homem de todas as ideias e o seu agitador. Sobre a passagem de Sacadura pela Marinha, Gago Coutinho escreve: "A Marinha era um meio acanhado para um homem de tão altas e arrojadas aspirações". Luísa Costa Gomes segue igualmente o rigor da História na sua peça, baseando-se em factos concretos e em en-

trevistas dadas pelo próprio, apenas reinventando a ligação de Sacadura com a sua noiva (a actriz Fernanda Alves no papel de noiva velha e Ana Bustorff [na foto] na noiva nova). A vulnerabilidade e a independência da noiva nova, bonita, magra, elemento de atracção e de intimidação para Sacadura, contrasta com a figura desganhada da noiva velha que fala sozinha pelas ruas.

Há registos e alguns testemunhos de pessoas que se lembram de uma mulher que anda vestida de noiva pelo Campo Pequeno, em Lisboa, nos anos 50, e

que dizia ser a noiva do Sacadura. A personagem que a autora trouxe ao texto é uma projecção dessa mulher. Aliás, as figuras populares recriadas pela escritora e que incidem sobre o estado da nação, a burocracia e a política, são "fantasias populares sobre o poder". Para Luísa Costa Gomes, que sempre gostou de aviões e do tema do pioneirismo aéreo dos anos 20, é uma peça escrita sem ressentimentos, sem coitadinhos, havendo apenas uma coisa assumida: "a falta de dinheiro, uma viagem não conseguida por falta de verba".

viagem ao Brasil". Em 1922, Sacadura e Gago Coutinho fazem a travessia do Atlântico Sul, utilizando já a instrumentaria da navegação aérea que permite a navegação astronómica exacta através do corrector de rumos e do sextante adaptado, estabelecendo a primazia dos aviadores portugueses neste domínio. Apesar deste sucesso bastante saudado pela imprensa e pelas autoridades, Sacadura não conseguiu obter o apoio financeiro para a viagem de circumnavegação aérea.

João Mendes Ribeiro, o cenógrafo optou por um espaço amplo, limpo, com a utilização de apenas dois elementos simbólicos, o mundo (uma grande bola metálica) e o avião fragmentado, as asas próximas do real e o casco em forma de animal (uma baleia). "Procurei criar um espaço cénico em profundidade onde os actores pudessem desenvolver a sua história à vontade. Por outro lado, interessei-me em conhecer os materiais e as técnicas de construção da altura para poder realçar os pormenores desses objectos simbólicos e que fosse visível a dimensão em escala entre o homem, o avião e o mundo".

Nuno Carinhas acentuou ainda que na sua encenação, assistido por Manuel Coelho, quis ficar na barreira do essencial, tanto na música (de Luís Bragança Gil), como nas luzes (Daniel Worm d'Assunção), como no som (de José Fortes), como nos figurinos. Também por isso, desta vez, não recorreu a um coreógrafo para o movimento.

### CÉU DE SACADURA

de Luísa Costa Gomes

Lisboa, Teatro Nacional D. Maria II, às 21h30.